

QUESTÃO INDÍGENA Grupo foi libertado depois que o ministro da Justiça enviou documento garantindo demarcação de área

Índios caiapós libertam turistas no Pará

Editoria de Arte/Folha Imagem

Reféns dizem que foram bem tratados

DA AGÊNCIA FOLHA
 EM NOVO PROGRESSO (PA)

As imagens dos reféns amarrados com cipós e cordas, divulgadas durante o noticiário sobre os 16 turistas mantidos em cativeiro pelos caiapós, não correspondem à realidade. A Agência Folha conversou com vários reféns que disseram que não ficavam amarrados. "Foram momentos difíceis e tensos, mas não fomos maltratados nem permanecemos amarrados", disse o Luiz Alberto Landi.

Um dos reféns foi agredido fisicamente pelos caiapós. O morador de Novo Progresso Edisel Cristino da Silva, 32, levou três tapas na nuca. "Eles achavam que eu tinha levado os paulistas para lá para tirar madeira."

O motorista Vilmar Barbosa Campos, 55, que estava sozinho no acampamento quando os índios cercaram o local, disse que foi bem tratado. "Eles só queriam saber onde estava o chefe."

A comida acabou sendo repartida entre reféns e sequestradores. Nos oito dias de cativeiro, os caiapós pescaram durante dois dias. A comida enviada pela Polícia Federal e pela Funai também foi dividida entre todos.

O aposentado Frederico Landi Filho, 70, diabético, disse que não faltou remédio, apesar de eles terem ficado no local cinco dias a mais do que o planejado.

ENTENDA A QUESTÃO INDÍGENA NO SUL DO PARÁ



- A demarcação oficial da área indígena Baú, no sul do Pará, é reivindicada há 20 anos pelos índios caiapós
- A área, de 18,5 mil km², equivale a três vezes o Distrito Federal
- Cerca de 4.000 caiapós vivem em três reservas já demarcadas, no sul do Pará e norte de Mato Grosso
- Em 1990, a Funai fez a demarcação provisória da área e agora aguarda que a Justiça autorize o presidente Fernando Henrique Cardoso a homologar a posse definitiva aos índios
- Anteontem, os índios receberam documento assinado pelo ministro José Gregori, se comprometendo com a demarcação imediata da área



Funai diz não ter dinheiro para demarcação de reserva caiapó

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O vice-presidente da Funai, Dinarte Nobre de Madeiro, afirmou ontem que a entidade não dispõe de todos os recursos necessários para a demarcação da reserva Baú, dos índios caiapós, no sul do Pará. A Funai estima que serão necessários cerca de R\$ 200 mil.

Segundo Madeiro, a Funai só dispõe de parte dessa verba —cerca de R\$ 70 mil. O restante do dinheiro terá de ser captado pelo Ministério da Justiça nos ministérios da área econômica.

Anteontem, o ministro da Justiça, José Gregori, considerou "prioridade" a demarcação da

área, depois de os índios manterem um grupo de pescadores que estava na reserva como reféns desde a semana passada. O grupo foi libertado na manhã de ontem.

Apesar do caráter emergencial, além da falta de recursos, a Funai terá de enfrentar todo um processo burocrático para cumprir a determinação de Gregori. Somente em cerca de 15 dias será iniciado o processo de licitação para a contratação de empresa que fará a demarcação da terra.

Depois de o edital de licitação estar concluído, a Funai estima que demorará entre 30 e 40 dias para selecionar a empresa que fará a demarcação. Daí, não há ain-

da prazo para que seja feita a delimitação da área. Gregori também revogou a portaria de 88 que havia redefinido a área da reserva. Segundo o despacho, volta a valer a portaria de 91 que estabelece uma área maior para a reserva.

Segundo a Funai, a área indígena em seu tamanho original tem cerca de 1,850 milhão de hectares, o que corresponde a aproximadamente 750 km de perímetro.

O governo também entrará com recurso para tentar derrubar decisão do STJ (Superior Tribunal de Justiça), que não teria reconhecido a área que segue pela margem esquerda do rio Curuá como parte da reserva indígena.

LUÍS INDIÚNAS

DA AGÊNCIA FOLHA, EM NOVO PROGRESSO

Os 15 turistas mantidos como reféns por índios caiapós, por uma semana, às margens do rio Curuá, no sudoeste do Pará, foram libertados ontem às 7h (8h em Brasília). Anteontem havia sido solto o primeiro refém, Laércio Monteiro de Oliveira, morador local de Novo Progresso (PA).

"Agora, só quero ver minha família", declarou o mecânico Luiz Alberto Landi, 43, um dos dez reféns de Avaré (SP). Ele ligou para os parentes assim que chegou à sede do município.

Os índios decidiram liberar os reféns anteontem à noite, depois de receberem uma cópia do documento assinado pelo ministro José Gregori (Justiça), que se compromete com a demarcação imediata da reserva indígena do Baú, de 1,85 milhão de hectares. A área prometida engloba os 650 mil hectares que estão em litígio entre índios e fazendeiros na região —nesta área há 250 propriedades.

Os reféns foram detidos pelos índios porque estavam acampados na margem esquerda do rio Curuá. Para os caiapós, a reserva avança do leste para oeste por um trecho de 30 quilômetros além do Curuá. Fazendeiros e o prefeito de Novo Progresso, Juscelino Rodrigues (PSDB), sustentam que o limite da área indígena é a margem direita do rio.

As negociações para a liberação foram tensas e mobilizaram 14 policiais federais, dois funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio) e o procurador da República Cláudio Chequer.

O momento mais difícil ocorreu anteontem, quando cerca de 20 moradores e fazendeiros foram em carreta até o local do cativeiro exigir a libertação dos reféns.

Os agentes da PF, armados com metralhadoras e fuzis, fizeram uma barreira separando os mani-

festantes dos caiapós, que permaneceram com um revólver e espingardas apontadas para eles.

As camionetes da carreta estavam carregadas de armas e foices.

A tensão só diminuiu com a chegada do procurador da República e de uma equipe de operações especiais da PF. Chequer leu para todos a decisão do ministro e reuniu-se com as lideranças indígenas. Os caiapós aceitaram liberar Oliveira em seguida, já que sua mulher, Joana Benedito Ribeiro, 28, estava entre os manifestantes.

Os outros 15 reféns foram liberados na manhã de ontem, com todos os pertences que haviam sido tomados pelos índios. "Eles só ficaram com uns motores e uns cascos, mas prometeram nos devolver", disse Orlando Donini, 46.

Os 20 índios que estavam no local seguiram na mesma hora para a aldeia Baú, acompanhados do procurador, para comemorar a decisão com o líder caiapó Megaron Txucarramê, administrador da Funai em Colider (MT), que seguia de avião até o local.

A viagem do local do cativeiro até a aldeia, de barco, demora cerca de quatro horas.

Impasse

A promessa de demarcação da reserva, porém, não significa o fim da tensão na área. O prefeito de Novo Progresso disse que irá continuar a batalhar na Justiça para que o rio seja o limite da área indígena.

Na primeira tentativa de demarcação da área, em 1995, a prefeitura conseguiu o embargo, parando o trabalho dos demarcadores. "Os índios querem ter livre acesso para roubar o nosso gado", disse o fazendeiro Antônio Pavanelli.

O delegado da PF Rivelino Pantoja afirmou que a demarcação só começará depois que uma empresa for contratada. "Estaremos sempre atentos para evitar novos conflitos durante a demarcação."